

CULTURA CAMPINEIRA

JOLUMÁ BRITTO

VIII

Até aqui não se discute de que fui eu mesmo, perdoem-me a sinceridade e a falta de modéstia, o idealizador da fundação da Academia Campinense de Letras, o que muito me honra, pois que sempre trabalhei para que Campinas tivesse seu nome repercutindo pelo Brasil afora, até alcançar a austeridade que o povo brasileiro deve às suas tradições. E isso mesmo aconteceu com a fundação da Associação Campineira de Imprensa, principal fundador Norberto de Souza Pinto, da Associação Campineira de Rádio, sonhada pelo saudoso companheiro Lombardi Neto; da Academia Campineira de Letras e Artes, na convivência de Luso Ventura, da Sociedade dos Veteranos de 32 — M.M.D.C., ao lado de Francisco Pires, da Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino — Campinas, com Ataliba Amadeu Sevá, da hoje Sociedade Anônima Rádio Educadora de Campinas, F.R.C. 9, de vários pequenos jornais, etc. etc. . .

Sempre fui idealista em minha vida, um sonhador, um semeador de ideais como jornalista. E ficaria satisfeito se alguém pudesse me contestar, ou desmentir.

No entanto, constantemente perguntam-me se houve algum motivo, ou teria existido para que eu não pertencesse à Academia Campinense de Letras. Essa é uma outra história, que tem começo com a lembrança da palavra sempre honrada de Luso Ventura. Digo melhor: perguntam-me por que ele, Luso, Paranhos de Siqueira, cujas qualidades não quero enaltecer para exaltar uma das inteligências mais em evidência no cenário de sua própria vida e deste caboclo de Espírito Santo do Pinhal?

Quando se formava naquele ano em maio de 1956, a primeira diretoria da Campinense de Letras, Luso, é claro, estava entre os mais discutidos nomes para sua primeira presidência. Uma cláusula, no entanto — disseram-me uns, e discussão — que manteve com alguns próceres da fundação, e principalmente a ausência de Paranhos de Siqueira e a minha entre os que haviam sido convocados, levaram-no a se afastar do futuro cenáculo que seria integrado por quarenta acadêmicos. Paranhos de Siqueira, esse eterno e bullçoso espírito de nossas letras, que deveria se chamar Parada de Siqueira por que ele o é, mesmo, acabou comprando a briga, comprando porque de graça ele não a aceitaria.

Paranhos não manda recados. Deixa-os em letra de fôrma, o atual orador da Academia Campineira de Letras e Artes. E em artigo publicado no Correio Popular de 4 de agosto de 1956, escreveu o que se vai ler. Comentava o mestre da palavra fácil, disparando a metralhadora de seus substantivos e adjetivos que se não confundem com os possessivos.

— Acabei de ler, há pouco, nos jornais da terra, a relação dos últimos nomes que completaram o plenário da Academia Campinense de Letras, recentemente aqui fundada.

Alli está, alinhado, na posição de sentido, o que Cam-

pinas possui, nesta hora, de efetivamente lidimo, e alto, e válido, e estreme, e acrisolado, no cosmos irriante do seu intelecto.

São todos eles, do primeiro ao último, elementos que outras cousas não fizeram até hoje, senão cuidar de letras, senão, fazer letras, senão trabalhar, nas oficinas altas do espírito, pelo enriquecimento da língua, pela elevação, enfim, cultural e literária. Todos eles, do primeiro ao último, têm obras publicadas, que os recomendam à cadeira de uma Academia de Letras. Os jornais do passado e do presente estão cheios das fulgurações de seus talentos. . .

A biblioteca nacional empaturra-se de suas obras, de lombada bonita, de couro de porco... e de veado! E, enfim, um plenário constituído, salvo raríssimas exceções, de intelectuais até mesmo internacionalmente conhecidos, tanto têm eles feito pelo engrandecimento do idioma que falam e das letras que tratam. . .

Jolumá de Brito, que nunca escreveu nada, ficou de fora. . .

Jolumá de Brito, que não passou trinta anos pesquisando os porões da História, para reconstituir a História de Campinas, à memória dos campineiros, ficou de fora. . .

Jolumá de Brito, que podia ter escrito, mas não escreveu a biografia de Carlos Gomes, o "Tonico de Campinas", ficou de fora. . . Jolumá de Brito que nos podia ter contado, mas não contou a História da Venda Grande, ficou de fora. . .

Jolumá de Brito, que não perdeu toda uma existência na investigação paciente de alfarrábios amarelecidos pelos séculos, no patriótico intuito de trazer a história de Campinas à tona do espírito campineiro, ficou de fora. . .

Não discuto nem o português, nem a redação de Jolumá de Brito. É possível até que, nem um, nem outro, esteja à altura do cenáculo intelectual que se constituiu agora, na cidade, com a fundação dessa Academia.

Mas, tenham paciência! São três décadas de pesquisas históricas! São trinta anos de consulta a papéis velhos (isto em 1956) que a maioria dos "imortais" dessa Academia nunca viu nem sabe se existem! É toda uma vida sagrada aos sagrados mistérios do Espírito, sem recompensa outra senão o prazer de dar a uma cidade, presentemente sem historiadores, um pouco de sua história, um pouco de seu passado, que a endiabrada, a futebolizada mocidade contemporânea teima em esquecer! Tenham paciência, essa Academia é de Letras, filhas da língua máter, e não de letras de câmbio, como diria, por certo, na irreverência do seu sarcasmo, a experiência prudente de Jorge Leme, a então Jolumá de Brito não poderia, sem a prática de uma grande injustiça, ficar aqui fora, sem uma cadeira, lá dentro".